

UMA VISITA À ALDEIA DE MUÁRIA



Em 1978, a cooperativa de salina de Mecúfi, com 40 membros, produziu 113200 quilos de sal e rendeu 203760\$00

Com uma população de mais de duas mil e quinhentas pessoas enquadradas, dinamizadas e organizadas pela sua Célula do Partido, Assembleia do Povo e Tribunal Popular, a aldeia de Muária,

na Província de Cabo Delgado, é uma das comunidades rurais mais promissoras na presente fase da edificação das aldeias comunais.

Durante a viagem por várias aldeias de Cabo Delgado, sentimos um interesse especial em chegar a Mecúfi. Conforme nos tinham dito, neste distrito encontra-se um dos novos aglomerados populacionais mais organizados da Província, precisamente a futura Aldeia Comunal de Muária.

Enquanto o «Land Cruiser» avança pela estrada de areia batida, encurtando a distância de cinquenta quilómetros entre a capital provincial e a sede do distrito, vamos revendo os nossos conhecimentos sobre o processo de edificação das Aldeias Comunais.

Segundo dados divulgados na primeira conferência nacional de Planificação, contavam-se em todo o país 1500 aldeias, em diversas fases de desenvolvimento, até Abril do ano passado. Oitocentos destes aglomerados populacionais apresentavam-se já com uma produção e vida colectiva organizadas, 75 por cento dos quais localizados na província de Cabo Delgado.

Ao longo de um mês visitámos algumas destas comunidades rurais, vivendo e discutindo com os seus habitantes. Devido a um intenso trabalho de mobilização e engajamento das populações, 617 aldeias já foram formadas na província. Praticamente ninguém vive mais isolado nesta região do país. Vimos os progressos e dificuldades enfrentados de uma maneira geral por todas elas, neste processo de socialização da vida no campo.

Antes de sairmos de Pemba, já os responsáveis provinciais nos tinham alertado para este facto real: não existe ainda nenhuma

Aldeia Comunal, tal como o Partido concebe estas unidades como estratégia do nosso desenvolvimento no campo. É preciso desenvolver-se a propriedade social comum para elevar a consciência colectiva e estabelecer novas relações de produção.

Neste sentido, ainda quando nos encontrávamos em Cabo Delgado, as estruturas provinciais tinham lançado uma vasta campanha de sensibilização popular para a abertura de cooperativas de produção agrícola, onde as populações possam colher gergelim, algodão, girassol e outros produtos de rendimento, fonte de riqueza para todos. As Células do Partido e as Assembleias do Povo realizavam reuniões e seminários para melhor definirem as suas respectivas tarefas na dinamização deste processo.

O êxito mais ou menos rápido deste nova luta vai decerto depender do grau de consciência das populações, do seu maior ou menor engajamento.

MUÁRIA

Passava das duas horas da tarde quando o motorista, abrandando a marcha, anuncia a nossa chegada a Muária. O carro dirige-se directamente à sede do comando da Aldeia onde nos recebe um homem de estatura média, apresentando uns trinta e poucos anos:

— *Bem-vindos, camaradas*

Chama-se Abudo Awade, e é o chefe da Aldeia.

O tempo de permanência vai ser breve e por isso o nosso trabalho começa sem cerimónias. Visitamos as cooperativas dos carpinteiros e de artesanato, ali próximas. A de salinas, está

parada devido às chuvas. O centro de Alfabetização merece também uma atenção especial.

Um breve diálogo com os carpinteiros revela-nos ter sido a cooperativa formada há um ano por apenas seis membros. Agora são quinze cooperativistas. Têm recebido encomendas de trabalho da população da Aldeia e do próprio distrito. Mas em geral, o seu desenvolvimento é ainda fraco. Não existe um fundo comum e o dinheiro ganha apenas dá para liquidar as dívidas contraídas na aquisição de ferramentas e outro material de trabalho. Há falta de cola e verniz e têm dificuldades em transportarem a madeira mas estão dispostos a prosseguirem na organização da sua cooperativa, com o apoio das estruturas da Aldeia e do distrito.

No centro de Alfabetização, em baixo de um cajueiro próximo da sede do comando, contamos uns quinze alfabetizando. «*Porquê tão poucas pessoas?*» perguntamos ao chefe da aldeia. «*Nesta época das chuvas*» — esclarece-nos — «*é difícil encontrar toda a gente aqui. Os camponeses foram surpreendidos pelas chuvas deste ano e estão a preparar as machambas para procederem logo às sementeiras. Muitos estão agora lá nas suas machambas.*»

A mesma questão foi abordada com os alfabetizando presentes e dois monitores. Numa reunião da Assembleia do Povo ficou decidido dividir os alfabetizando em grupos. Enquanto uns vão à machamba, outros participam nas aulas. Ou então, numa família, alguns membros vão preparar o terreno para a sementeira enquanto outros estão na alfabetização.

VIDA NA ALDEIA

Um intervalo para conversarmos com os alfabetizandos; é uma oportunidade excelente para sabermos o que se passa na aldeia. Aqui estão presentes deputados. membros do Partido e do

— Têm problema de fome?

Não. Produzimos o suficiente para nós, e vendemos o resto. Temos dificuldades em comprar vestuário. A capulana, o lenço, tudo isso é muito caro.

— Porque está na alfabetização?

nha por causa da minha idade. Lá em casa os meus filhos também me ensinam, e todos querem ajudar.»

Interrogamos outras pessoas. Muitos querem falar sobre a alfabetização, «uma tarefa nobre, para abrir as nossas cabeças e preparar-nos para o Socialismo», como diz um dos membros da Célula do Partido.

Raza Rashide, da OMM é também deputada. Pensa sair do curso com capacidade para se entender com qualquer pessoa que chegue à aldeia. «É uma vergonha», diz-nos, «quando algumas delegações vêm à minha casa e, não estando lá os meus filhos, ninguém mais fala português. Isso não pode continuar a suceder».

A alfabetização é um tema novo, apaixonante. Lemos isso nos olhos destes camponeses. Vemos esta nova alegria de quem parece fazer uma descoberta em cada palavra nova escrita ou falada. Lemos o nome de cada um no caderno, rabiscado com letra ainda insegura.

Avançamos: «Digam-nos, como é a vossa vida aqui na aldeia. Como se organizam para fazer da vossa aldeia uma das mais representativas da província de Cabo Delgado?»

Trocam entre si os olhares e alguém sentencia: «É melhor ser o chefe da Aldeia-o primeiro a falar. Nós iremos completar o que disser.»

Abudo Awade: «Antes da aldeia nascer, em Março de 1976, nós aqui vivíamos dispersos — uns



Aspecto das casas da aldeia

Tribunal Popular, das Organizações Democráticas de Massas e outros elementos da população.

Depois de saber qual o objectivo da nossa visita, Chera madani Imbaidade, de 52 anos de idade, deputado, é o primeiro a oferecer-se para dar a sua contribuição:

«Sim, quero falar da nossa vida na Aldeia. Eu estou bastante satisfeito. Antes vivia lá em baixo, perto do mar. Vivía sozinho com a mulher e os meus netos. Nunca esperei encontrar pessoas para me ajudar, nesta idade, a conhecer novas coisas, a saber ler e escrever. As estruturas também aqui funcionam, vão tentar do resolver os nossos problemas.

«Que problemas enfrentam na aldeia?»

«Água, é um deles. Aqui mesmo, se fazemos um buraco sai água, mas é salgada. Temos de atravessar a língua para trazermos água doce, do lado do distrito. Quando a maré está cheia, não podemos lá chegar.

Outro é a dificuldade em transportarmos material; paus e bambus, para construção das nossas casas.

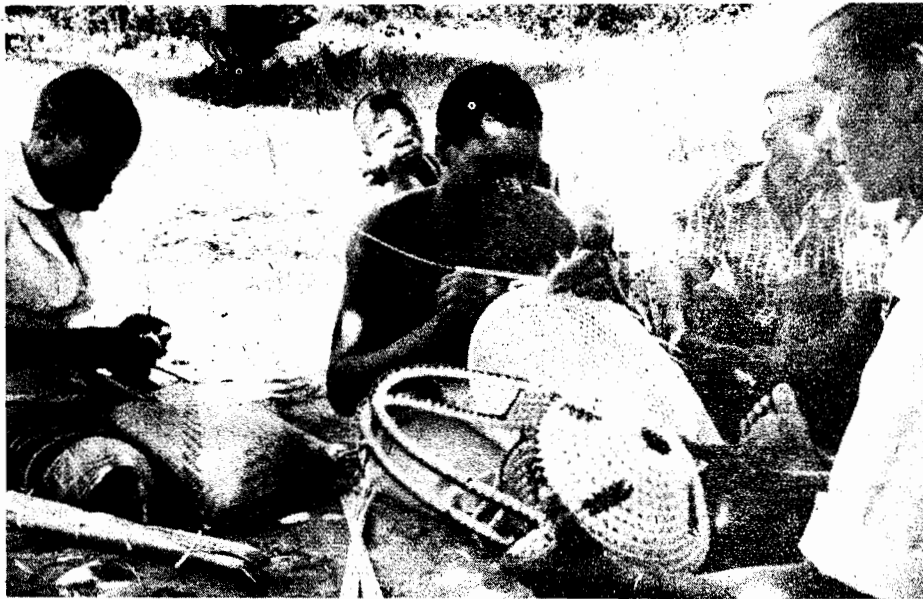
Imbaidade responde-nos com outra pergunta: «Como poderia eu entender-me com os meus netos, mais tarde? Eles agora estudam, vão ser mais tarde chamados para longe, talvez para Pemba ou Maputo. Não de escrever-me cartas... Tenho de saber como estão, corresponder-me com eles. É uma das razões porque aprendo a ler, e não sinto vergo-



A construção de cada habitação é feita colectivamente



Pormenor da carpintaria de Muária



Confeccionando cestos. O trabalho realizado pelos artesões de Mecúji é bastante apreciado em todo o país

em Cambala, Ndele, Mitotwe, Namituri, Quitivamulo; outros aqui mesmo em Muária. A Aldeia é o resultado da mobilização feita pelas estruturas do Partido e do Estado após a Independência.

— Como construíram estas casas?

«As nossas casas resultam de um trabalho colectivo. Uns cortavam os paus na mata, outros bambus, outros ainda o capim. As mulheres maticavam paredes. Acabada uma construção, passávamos logo para outra. Fizemos assim as 620 casas desta aldeia.»

A maneira como as populações de Muária têm demonstrado ele-

var constantemente a sua consciência política, e a forma como têm implementado as orientações do Partido e do Estado, fizeram com que esta Aldeia fosse uma das primeiras a ter Célula do Partido, uma Assembleia do Povo e um tribunal popular. Queremos saber se essas estruturas aqui funcionam?

Abudo Awade, secundado por vários intervenientes: «Sim as nossas estruturas funcionam. Vou dar alguns exemplos. Este ano o nosso distrito elevou a quantidade de castanha de caju comercializada em relação à campanha anterior. No ano passado vendemos

155 370 quilos. Em 1978 foram 202 265 quilos, ultrapassando a meta prevista, de 155 toneladas. A nossa Aldeia contribuiu para isso porque as nossas estruturas souberam mobilizar o Povo para a limpeza dos cajueiros, o combate a broca e a apanha de castanha de caju. A Assembleia do Povo, tinha determinado o seguinte: qualquer cajueiro encontrado com capim, seria declarado sem dono e entregue imediatamente à escola.

É também a Assembleia do Povo responsável por esta apresentação da nossa aldeia: limpa, cada casa com a sua latrina e um quintal.

A célula do Partido mobilizou as pessoas para a alfabetização. Além disso, após o estudo das decisões da IV sessão do Comité Central, com o apoio das estruturas, decidimos abrir um cajual para ganhar fundos. Estamos a estudar também a sementeira de algodão.

MAIS ASPECTOS ORGANIZACIONAIS

No final da nossa conversa, observamos mais atentamente alguns aspectos físicos e organizacionais da Aldeia. Ao contrário de muitas outras visitadas anteriormente, esta apresenta-se-nos com um aspecto mais natural e acolhedor. Muitos e enormes cajueiros e outras árvores dão sombra às casas, incluindo algumas árvores de fruta. A Aldeia está organizada em seis bairros e trinta e cinco quarteirões.

Era já tarde quando nos despedimos. Alguns camponeses regressam das suas machambas onde semeiam o milho, a mapira, o arroz, o gergelim e a mandioca. E retivemos esta frase final do chefe da aldeia:

«A população tem aqui uma consciência do que é preciso realizar para construirmos o socialismo no nosso país. Da nossa parte contribuiremos através do estudo, e desenvolvendo a produção colectiva.

Texto de Arlindo Lopes

Fotos de Naíta Ussene